

BREVES REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE MONTAGEM
DO DOCUMENTÁRIO TORRE DAS DONZELAS
por Celia Freitas (março 2019)

Direção Susanna Lira :: duração 97 min

Melhor documentário no Festival do Rio 2018 (júri oficial e júri popular), melhor documentário no 12º Atlantidoc, prêmio Petrobras de Cinema na Mostra Internacional de Cinema de SP (2018), prêmio especial do júri no Festival de Brasília 2018. Montagem indicada ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro 2018

Sinopse:

O documentário revisita a história de mulheres que sofreram torturas e lutaram contra o regime militar tendo sido encarceradas na chamada Torre das Donzelas, nome dado ao conjunto de celas femininas no Presídio Tiradentes em São Paulo, demolido em 1972

Sobre a montagem:

No Brasil, desde o fim dos governos militares em 85, convivemos com a negação da violência por parte da política oficial do Estado. Um filme como Torre das Donzelas é uma negativa à hipocrisia de uma reconciliação amnésica que pretende calar o que, de qualquer modo, já se sabe. É um rompimento de um silêncio construído no *indizível, no impensável e no inimaginável*.

"Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito." Esta é a fala de um oficial nazista, no livro *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi, revelando assim a consciência de que seus atos desafiavam todos os recursos simbólicos disponíveis para interpretá-los. Não existem formas de expressão instituídas para certas experiências de violência e dor. E o trauma, que faz silenciar, não se apaga, mas permanece.

O espaço cenográfico, criado para um reencontro catártico das protagonistas e para grande parte das cenas e dramatizações, foi elaborado a partir das descrições e dos desenhos do que cada uma conseguiu lembrar. A montagem unifica o espaço desta torre imaginária, onde linguagem documental e ficcional, passado e presente, se alternam sem delimitação rígida, nos *raccords* imaginários de seus planos e contraplanos. As brechas da memória são respeitadas e os vazios são preenchidos pela imaginação do espectador, que ao ouvir a narrativa é capaz de acomodar as

percepções e dar-lhes sentido. A arquitetura da prisão transforma-se em uma arquitetura da memória coletiva,

Os vazios e os detalhes inacabados de uma obra em construção fazem parte dos lapsos de memória, da própria incompletude do que se pode reviver. As imagens das lembranças, borradas pelo tempo, são traduzidas por uma câmera que se esconde por entre os panos transparentes do cenário. Não é uma câmera tímida, é mais um olhar respeitoso e furtivo, na espreita de capturar uma próxima memória.

O arco narrativo dramatiza e reproduz as diversas fases da experiência: a prisão, a luta armada, as motivações políticas. Ao final vivenciamos a transformação coletiva do espaço da prisão e a tomada de consciência política como a maior ação libertadora. Não se trata de um relato de fatos grandiosos e fantásticos, mas de um relato cuja emoção é o principal ingrediente e é justamente pela emoção que o espectador é fisgado. Temos acesso a impressão de cada uma, a história individual e a ressignificação que cada uma fez sobre o que viveu para poder sobreviver às inúmeras atrocidades.

Estas bravas mulheres que lutaram contra a ditadura não querem representar a si mesmas como vítimas. São protagonistas de uma luta, ainda que desigual (principalmente na forma extrema da tortura), já que o lugar da vítima supõe que o sujeito não indague sobre si mesmo. Por isto os recursos do melodrama foram evitados, principalmente na construção sonora do filme. Ao mesmo tempo não há personagens em destaque no filme (exceto a própria torre), pois a narrativa reflete uma luta política que era coletiva.

No Brasil convivemos há mais de 30 anos com a cumplicidade do silêncio imposto e com a negação da violência por parte da política oficial do Estado e da sociedade. A demolição da torre, em 1972, foi mais um dos tantos atos de apagamento. Queimar arquivos, implodir prédios, enterrar corpos ou objetos pode ter uma série de motivos: esconder uma atitude vergonhosa ou impedir futuras comprovações e retaliações. Um filme como Torre das Donzelas é uma negativa à hipocrisia do esquecimento.

A ex-presidenta Dilma Rousseff nos fala no filme: a prisão é ter o controle do tempo e do espaço. Em contraponto, penso que a montagem cinematográfica, e o próprio cinema, significam a arte de dominar o espaço e o tempo através de seus gestos de liberdade e amizade. Nas palavras de Tarkovsky: fazer filmes é esculpir o tempo.